



A ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA

Ângela Tecia de Lima Amorim ¹
Geângela Azevedo de Souza ²
Eulina Maria Leite Nogueira ³

RESUMO

Este artigo é parte integrante da dissertação de mestrado intitulada: Alfabetização em tempo de pandemia: Práticas pedagógicas de professores do 1º ano do ensino fundamental, desenvolvida no Curso de Ensino de Ciências e Humanidades da Faculdade de Educação, Agricultura e Meio Ambiente da Universidade Federal do Amazonas, iniciado no ano de 2022, na cidade de Humaitá. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, mas também, a análise observacional, das práticas pedagógicas que ocorreram na alfabetização em um tempo de aulas remotas. O objetivo é trazer a reflexão a importância de constantes debates sobre a alfabetização, inclusive no período da pandemia. Subsidiaram este estudo, autores como: Soares (2020), Ferreiro (1999), Teberosky (2014), Creswell (2021), entre outros. Os resultados apontam que a pandemia da covid 19, afetou significativamente todas as esferas da sociedade, a incerteza predominava, o medo do contágio de uma doença respiratória, altamente contagiosa e muitas vezes letal, impôs a necessidade do distanciamento social. A educação passou por essa experiência com intensa dificuldade, ofertando o ensino remoto, como única alternativa para evitar a total paralisação das aulas, mas na alfabetização, essa modalidade de ensino, foi ainda mais desafiadora, e os professores tiveram que fazer uso de novas metodologias, enfim um período de aprendizados difíceis.

Palavras-chave: Alfabetização, Metodologia, Ensino Remoto

INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa falaremos da alfabetização, fase da escolaridade com diversos desafios, intensificados pela pandemia da COVID 19. Temos por objetivo, propor reflexão acerca da importância de constantes debates sobre a alfabetização, entendendo que a base do ensino precisa ser pensada pela sociedade civil, como um dever de todos.

Com cenário pandêmico já minimizado pela vacinação, ainda assim entendemos que o objeto deste estudo seja relevante e se justifica no sentido de olhar a alfabetização sob uma ótica provavelmente, nunca vista, no sentido de repensar nossas metodologias. No campo metodológico buscamos através da pesquisa bibliográfica, mas também, de análise observacional, identificar como foram influenciadas quanto a conteúdo do exercício da leitura,

¹ Mestranda do Curso de Ensino em Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, tecia.amorim@gmail.com;

² Mestranda do Curso de Ensino em Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, geangelaalbuquerque@gmail.com;

³ Professora orientadora: Doutora em Educação(Currículo) pela Pontifícia da Universidade Católica de São Paulo - PUC, eulianog@hotmail.com.

algumas turmas de alfabetização no sul do Amazonas, nos anos de 2021 e 2023, período em que quase metade desse ciclo, as aulas ocorreram de maneira remota.

A alfabetização inicia antes da criança chegar a uma sala de aula propriamente dita, influenciada pelo meio em que ela vive, no contato com o mundo letrado. Ferreiro (1999, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. A autora continua dizendo que, de todos os grupos populacionais, as crianças são as que se alfabetizam com mais facilidade, em um processo contínuo de aprendizagem, enquanto que os adultos já fixaram formas de ação e de conhecimento mais difíceis de modificar, ela ressalta ainda que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (Ferreiro, 1999, p.23).

No ano de 2020 em função do advento da pandemia da Covid-19, uma síndrome respiratória altamente contagiosa e em alguns casos letal, fez com que o governo federal, considerasse o cenário do distanciamento e do isolamento social, as escolas então suspenderam as aulas presenciais como forma de minimizar o risco de infecção entre pessoas pelo Coronavírus. Nesse cenário desencadeado pela pandemia, gestores e professores tiveram que aplicar na prática as regras definidas pela Portaria nº 345/2020 do Ministério da Educação Nacional, que autoriza, de forma única, a substituição das aulas presenciais continuadas por atividades relacionadas com a utilização das tecnologias de informação e comunicação para a continuidade do semestre, e ano escolar, medida encontrada para evitar a total paralisação das aulas. A portaria dispõe: Art. 1º, nº 343, de 17 de março de 2020, passa a vigorar:

Art. 1º Fica autorizada, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, por instituição de educação integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (BRASIL, 2020).

A referida portaria complexificou o processo de ensino e aprendizagem, principalmente no ensino fundamental, especificamente nos anos iniciais onde as crianças iniciam a alfabetização. A sala de aula passou a ser o lar das crianças, e a interação passou a ser online.

Magda Soares (2020) ressalta alguns desafios enfrentados pelos/as professores/as alfabetizadores/as neste cenário, em uma entrevista concedida em setembro de 2020, ao Canal Futura, na qual disse que: A atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as

crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo de escolarização, período em que a interação alfabetizadora-criança é indispensável (Soares, 2020). Diante disso, não apenas a falta dos recursos tecnológicos, mas a falta de manuseio dessas ferramentas e o acompanhamento da família também compôs o desafio de alfabetizar na pandemia. A autora relata que as interações entre os professores e os alunos no processo de aprendizagem inicial da leitura e da escrita são importantes e, essa lacuna surgiu fazendo com o que o professor reinvente as suas práticas pedagógicas, uma vez que não é a mesma coisa interagir remotamente com as crianças, igualmente fazia-se presencialmente, tudo isso envolto a um clima de muita angústia. Outro fator que não pode ser desconsiderado, foi o clima de intensa pressão, onde nem os pais nem as crianças sentiam-se seguras.

Conforme Ferreira; Gracia; Zen (2021, p.289), é motivo de destaque o trabalho dos professores alfabetizadores, pois esses profissionais buscaram assegurar aos seus alunos o direito de aprender a ler e a escrever, e mesmo durante o isolamento físico não se esquivaram desta responsabilidade. Dessa forma, propor situações de leitura e escrita que de fato façam sentido para as crianças tem sido mais um desafio para esses profissionais, eles estão sendo chamados a mudar suas práticas pedagógicas, aderindo novas metodologias e usando recursos digitais que para muitos eram desconhecidos, precisaram se reinventar. Foi nesse contexto de crise e incertezas que a aprendizagem aconteceu e segue acontecendo.

Se na modalidade presencial a participação dos pais/família já era importante, no processo de alfabetização das crianças, tornou-se ainda mais, com o ensino não presencial.

Laguna et al, (2021, p. 407) afirma “que a decisão de continuar com as atividades escolares no lar implica que as famílias assumam a educação formal das crianças”. Porém, essa solução foi projetada para lares com condições materiais e tempo para desempenhá-la, não levando em conta aqueles insuficientes em termos econômico e social, onde os membros adultos trabalham ou possuem limitações, como o analfabetismo funcional. Tais fatores, trazem dificuldades para os lares onde o clima de incerteza, agora se une ao estresse, pois mesmo os poucos pais que tinham qualificação profissional, para ajudar seus filhos, não eram vistos por eles, como o seu professor.

A tecnologia na educação a partir da visão de Teberosky (2014), mostra que é necessário acompanhar como as transformações culturais, tecnológicas e educacionais atualizam o processo cognitivo de aprendizagem das crianças. A autora chega a dizer que muitas vezes assiste aos programas que as crianças assistem, a fim de defender que os professores precisam se apropriar da contemporaneidade da criança. E quando foi solicitado que ela fizesse uma leitura da sua obra, apontando desdobramentos na atualidade. A autora nos afirma o seguinte



Psicogênese da Língua Escrita foi escrito no final de 1979. Daquela época para cá, a criança mudou muito, a cultura mudou muito. Não havia espaço digital, nem internet, nem celular, e tudo isso tem muita influência na representação e na convivência que a criança tem com o mundo da escrita. Além disso, a Educação Infantil não era obrigatória; agora já está mais institucionalizada. São muitos fatores de ordem social e cultural que mudaram. Teberosky(2014)

Foram muitas as mudanças fora da sala de aula, chega a ser impressionante a dependência do homem moderno aos recursos tecnológicos. Na escola essa mudança também precisa fazer parte do dia a dia no ensino das disciplinas, de forma a pensar como trazer as inovações para a sala de aula, pois não são poucos os alunos que utilizam os smartphones, por um longo período, com a finalidade maior de entretenimento. É válido pensar que quando falamos em mudanças, pensamos em algo a mais que equipamentos tecnológicos para compor as salas de aula, pensamos em como unir o que sempre surtiu efeito positivo ao que hoje é utilizado com sucesso, pois há também, práticas exitosas com quase nenhum recurso tecnológico que precisam ser mantidas.

A motivação que nos leva a investigar esse tema surge das dúvidas levantadas de como se deu a alfabetização em tempos de pandemia, onde a recomendação foi o distanciamento social. Diante de uma situação atípica como essa, como conduzir o processo de alfabetização, onde o lócus das aulas não seria mais a escola, onde alunos e professores, ocupam diferentes espaços?

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho conta com o embasamento teórico trazido por Gil (2002) e Creswell (2021). A pesquisa em questão é bibliográfica, exploratória de abordagem qualitativa.

A Pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. GIL (2002, p.44)

Esse tipo de pesquisa, permite ao investigador o acesso a um grande número de informações, bem maior do que se ele próprio fosse a campo coletar primariamente. Ela é também uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois contempla o aspecto subjetivo do sujeito, aquilo que os números não dão de dizer. As pesquisas qualitativas possuem características que se diferem das pesquisas de abordagem quantitativas.

Embora os processos sejam similares, os métodos qualitativos partem de dados baseados em texto e imagens, tem passos singulares na análise dos dados e se valem de diferentes abordagens. A escrita de uma seção de métodos para uma proposta ou estudo de pesquisa qualitativa requer, em parte, a educação dos leitores quanto a intenção da pesquisa qualitativa. CRESWELL (2021, p.149)

Observamos duas turmas de alfabetização, de uma escola pública, cada turma contendo 33 alunos. Essa observação se deu em dois momentos distintos, com a finalidade de avaliar se as crianças que durante um longo período, tiveram aulas remotamente, conseguiram evoluir no aprendizado da leitura, pois as metodologias utilizadas tiveram que ser diferentes nesse período, já que os recursos utilizados não eram do cotidiano de grande parte dos professores. O primeiro momento, no início do 1º ano do ensino fundamental, no ano de 2021. O segundo momento, ocorreu no início do ano de 2023, com a duração de 1 mês, em cada um dos anos observados.

Nessa escola é ofertado o ensino fundamental I nos dois turnos, o turno vespertino foi selecionado por ter mais alunos matriculados. O motivo pela escolha das duas turmas aqui citadas, deve-se pelo fato, da pesquisadora ter tido a oportunidade de atuar nas respectivas turmas, ministrando disciplinas, como ciências, religião e história. As análises são no sentido de observar como estão esses alunos, quanto a fluência na leitura. Eles, tiveram como exercícios, agora no 3º ano, atividades simples, onde precisariam ler pequenos textos, como enunciados, que indicavam como responder as questões propostas nas mais variadas atividades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As leituras sobre o tema em questão e a observação nas salas de alfabetização em um curto período nos anos de 2021 e 2023, mostram quão grande desafio passou e passa as séries iniciais do ensino fundamental, ainda mais no período da pandemia da COVID 19. Vale ressaltar que os desafios abrangeram todos os anos escolares e professores.

Na disciplina de língua portuguesa, um dos aprendizados de grande importância, a leitura, suscitou questionamentos sobre como estão nossos alunos nessa questão? Pensando nessa questão, é que nos detemos a observar as turmas já mencionadas acima, sabemos que o que nossa pesquisa traz, não reflete o todo, mas é uma parte a se considerar.

Mas o que é leitura? Koch e Elias (2006) trazem uma interessante concepção de leitura, para elas, a leitura precisa dirigir seu foco para a interação, pois ela é uma atividade de produção de sentidos baseada na interação autor-texto-leitor. Interação, como em um processo onde o

leitor realiza um trabalho de interpretação e compreensão do texto, baseado no seu conhecimento sobre o assunto, quando o que é lido faz sentido, essa leitura é atrativa. E faz sentido, se de alguma maneira há em nossos registros de memória, algo sobre o que foi dito. Uma teia de antigos e novos conhecimentos que se entrelaçam. Em sua obra, Boniteza de um sonho, Moacir Gagotti, fala da relação da aprendizagem com o contexto.

Todo ser vivo aprende na interação com o seu contexto: aprendizagem é relação com o contexto. Quem dá significado ao que aprendemos é o contexto. Por isso, para o educador ensinar com qualidade, ele precisa dominar, além do texto, o “com-texto”; além de um conteúdo, o significado do conteúdo que é dado pelo contexto social, político, econômico, histórico... do que ensina. Nesse sentido, todo educador é também um historiador. GADOTTI (2011, p.61)

Estar em salas de aula de turmas que iniciaram o 1º ano do ensino fundamental em 2021, e poder voltar a elas no 3º ano, em 2023, é ter a oportunidade de observar como estão esses alunos que viveram a experiência do ensino remoto na fase inicial de sua escolarização, haja vista que essas crianças, também não tiveram oportunidade no ano de 2020 de concluir a educação infantil de modo presencial, pois em março de 2020, as medidas preventivas indicavam que o distanciamento social era uma medida extremamente necessária.

O que se percebe é um esforço intenso dos professores na busca pela recomposição da aprendizagem. Durante o período de aulas remotas, eles precisaram mudar o seu jeito de dar aulas, precisaram usar metodologias que não usavam no modelo presencial, tais como: chamadinha virtual, vídeos e áudios explicando atividades, simulando uma sala de aula convencional, com alunos e professores no mesmo ambiente físico. Essas crianças cursaram praticamente o 1º ano todo de maneira remota, e mesmo apesar do esforço grande dos professores, não é como nas aulas presenciais. As crianças tem uma necessidade real de pegar, manusear objetos, partilhar momentos de aprendizagem, e isso ficou faltando, apesar dos professores fazerem o possível para tentar se fazer presente, por meio dos grupos de whatsApp, principal ferramenta utilizada na comunicação entre alunos e professoras.

Outro fator importante foi a transição da educação infantil para o ensino fundamental, ela nem sempre é tranquila, não são raras as crianças que se queixam, de não brincarem mais como antes, da diferença das atividades desenvolvidas em sala de aula. Em uma situação como essa, onde muitos deles cursaram um ano de educação infantil presencial e quando se reencontram novamente em uma sala de aula, já estão no segundo ano do ensino fundamental, muitos deles sentiram-se em uma realidade muito diferente, e aquilo que já é esperado de um aluno que cursou o 1º ano, não foi possível ver em muitos deles.

Por diversos fatores, se constatou que as crianças não faziam as atividades de maneira remota em casa, como faziam na escola, e ao retornarem para o ambiente escolar, o que se viu foi que os conhecimentos transmitidos, foram absorvidos superficialmente.

Esse foi então o momento de pensar em um planejamento capaz de agora sim, alcançar a todos em suas dificuldades, pois quando acompanhadas em casa, havia famílias que ajudavam muito, contudo também havia famílias que muito pouco podiam fazer pelo aprendizado eficiente de seus filhos, isso não implica dizer que eles não quisessem, mas que lhes faltava variados recursos.

A análise mostra alguns resultados parciais, dentre eles, que as professoras precisaram voltar ao conteúdo dos anos anteriores, explicando novamente aquilo que fizeram remotamente, bem como acompanhar e buscar alternativas de desenvolvimento das aprendizagens em distintos grupos. O trabalho foi árduo, mas em muitos casos, compensatório, há nessas turmas crianças que já leem fluentemente pequenos textos, realizam interpretações e são capazes de realizar produções textuais. Foi possível perceber também que alguns alunos resolviam os exercícios que demandavam leitura e interpretação, solicitados em sala de aula, de forma autônoma, sem auxílio do professor.

O primeiro ciclo da alfabetização desenvolvido nessa escola, compreende o 1º, 2º e 3º ano. As duas turmas observadas, estão no último ano do 1º ciclo, e nesse período de início do ano de 2023, o que se percebe é que tanto alunos, como professoras das respectivas turmas, buscam por um desenvolvimento da aprendizagem de forma cada vez mais satisfatória, não há dúvidas de que a pandemia, marcou essa geração, mas nessas turmas específicas, eles optaram por buscar esse aprendizado de forma mais intensa ainda, agora que é possível estudarem na modalidade presencial. Nesse processo um bom número de alunos já consegue ler, sentem-se motivados e motivam seus professores.

No entanto, observa-se que a alfabetização feita de forma remota ficou defasada, mesmo que um bom número de crianças nessas turmas tenha tido uma aprendizagem satisfatória, houve também aquelas que tiveram muita dificuldade. Na oferta desigual de acesso a internet, alunos e professores da alfabetização continuam a enfrentar grandes desafios no sentido de que todos tenham oportunidades iguais de aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na educação como nos mais variados setores, de maneira abrupta, precisamos desenvolver tarefas cotidianas, utilizando novas ferramentas e metodologias que envolvem a

internet, a tecnologia. Os pais, a comunidade escolar, todos precisaram se envolver, mas não foi fácil lidar com uma situação que envolveu insegurança em amplos aspectos. Porém não podemos negar que houve aprendizado, ainda que sem o preparo adequado, muitos professores se reinventaram, e aprenderam muito. Contudo a alfabetização, uma fase de tão grande importância para o desenvolvimento da aprendizagem, ficou com defasagem, e a busca pelas aprendizagens essenciais é contínua.

Esse é um campo de pesquisa, que necessita ainda de muitas discussões, no sentido também, de como devemos pensar a educação, depois desse período, como a tecnologia deve ser uma aliada agora no período de aulas presenciais. Que possamos refletir sobre o que afirma GADOTTI(2011) A educação é necessária para a existência humana, assim o homem não precisa reinventar tudo de novo, ele precisa se apropriar da cultura, do que o ser humano já produziu. A educação também visa aproximar os humanos daquilo que eles já criaram. Se pensar dessa maneira foi importante no passado, hoje é ainda mais decisivo na sociedade do conhecimento.

REFERÊNCIAS

CRESWELL, John W; CRESWELL, J. David. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa; revisão técnica: Dirceu da Silva. 5. Ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

FERREIRA, Lucimar Garci; FERREIRA, Lúcia Garcia; ZEN, Giovana Cristina. Alfabetização em Tempos de Pandemia: perspectivas para o ensino da língua materna. **Fólio - Revista de Letras**, v. 12, n. 2, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/7453>>. Acesso em: <06 set. 2021>.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. – 7. ed. - Tradução de Maria Zilda de Cunha Lopes. São Paulo: Cortez, 1999.

GADOTTI, Moacir Boniteza de um sonho : ensinar-e-aprender com sentido / Moacir Gadotti. -- 2. ed. -- São Paulo : Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. -- (Educação cidadã ; 2)

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. (2006). Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto

LAGUNA, Thalyta Freitas dos Santos et al. Educação remota: desafios de pais ensinantes na pandemia. Revista Brasileira Saúde Maternidade Infantil., Recife, 21 (Supl. 2): S403-S412, maio,2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/PGF37qhRQP9HYFH5TSv89zR/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em:<19maio/2023>



SOARES, Magda. Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia? Entrevista concedida ao **Canal Futura** da fundação Roberto Marinho, Publicado em 08/09/2020. Disponível em: <<https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/>>. Acesso em: <09 set./2021>.

TEBEROSKY, Ana. Pesquisadora argentina fala sobre o processo evolutivo da criança na contemporaneidade e revisita seu clássico com Emilia Ferreiro, Psicogênese da Língua Escrita. Entrevista concedida ao jornal Letra A. Entrevistadores: Isabel Frade e Vicente Cardoso Júnior. **Publicado:** em: 22/12/2014. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/entrevista-ana-teberosky-1.html>> Acesso em: <15 maio/2023>